

INFERNO NA FILA

Caos amarelo à espera dos turistas

Portas de entrada do Rio, aeroportos e rodoviária têm serviço de táxis problemático

Taís Mendes
tais@oglobo.com.br

Acostumada a transitar por diferentes terminais do Brasil, a gerente comercial Maiara Roriz considera o serviço de táxi do Aeroporto Internacional Galeão/Tom Jobim o pior de todos. Pudeira: ainda no saguão, os turistas são cercados por homens sem qualquer identificação oferecendo táxis. Vencido o obstáculo, do lado de fora a dificuldade é saber qual a fila oficial para embarcar num amarelinho. Quem entra na cidade pela Rodoviária Novo Rio enfrenta um sufoco maior. Lá, além de driblar a abordagem de taxistas piratas dentro do terminal, é preciso vencer as obras do Porto Maravilha para chegar ao ponto de táxi oficial. Já no Santos Dumont a bagunça é generalizada: tem táxi para todos os lados. A menos de um ano para a Copa do Mundo, a situação prenuncia um caos para os turistas

De janeiro a setembro deste ano, 9.772 táxis foram vistoriados no entorno da rodoviária e dos aeroportos. Deste total, 1.463 (14,97%) foram lacrados, e 222 (2,27%), rebocados. Em toda a cidade, 17.558 táxis foram vistoriados: 3.379 (19,24%) foram lacrados, e 362 (2,06%), rebocados. Além disso, 150 táxis fantasmas (carros de passeio que, irregularmente, fazem transporte de passageiros) foram apreendidos nas proximidades de rodoviária.

— Evoluímos, mas ainda temos problemas com os serviços de táxi no entorno dos aeroportos e da rodoviária. Tanto que intensificamos a fiscalização — reconheceu o secretário municipal de Transportes, Carlos Roberto Osorio.

A baiana Maiara já conhece os problemas e prefere pagar mais caro por um táxi especial para sair do Tom Jobim, na Ilha do Governador.

— Além da facilidade de poder pagar com cartão, eu me livro de cair nas mãos de um motorista irregular. Viajo muito, e este aeroporto é um dos piores do Brasil. Confinos, em Minas, é organizado. Guarulhos é perfeito, e Congonhas (ambos em São Paulo), nem se fala. Lá tem até ajudante para colocar a mala no táxi.

De fato, não é nada agradável ver, por exemplo, taxista fazendo xixi no meio da rua, a poucos passos do aeroporto. A cena aconteceu na terça-feira passada, por volta das 14h, numa fila clandestina de táxis comuns, no meio de uma curva, na saída do desembarque do Terminal 2. Ao perceber que a fila era fotografada por repórteres do GLOBO, um dos motoristas saiu dela e, numa manobra arriscada, deu uma fechada no carro da reportagem, fugindo em disparada.

— Evito os amarelinhos sempre que venho ao Rio, ainda mais aqui no Galeão, onde eles disputam passageiros aos socos. Quero distância deles — criticou a mineira Maria Gomes Ferreira que, de férias, desembarcou no Rio semana passada.

A turista se referia aos muitos episódios de agressão entre taxistas na disputa por passageiros no terminal da Ilha do Governador. Foram tantos que a prefeitura criou o Táxi Boa Praça, em janeiro de 2011, depois que um taxista foi agredido por outros cinco por ter cobrado preço menor que o deles. A agressão foi filmada por uma câmera de segurança.

Como a falta de confiança nos amarelinhos é generalizada, no Santos Dumont engrossa a fila dos táxis especiais, apesar de estes custarem o dobro. Na tabela de preços dos especiais do terminal, uma corrida até Ipanema, por exemplo, custa R\$ 63. Nos amarelinhos, que dão a opção ao passageiro de escolher a forma de pagamento, a tabela estabelece o valor fixo de R\$ 31. Pelo táxi-metro, a corrida até o bairro da Zona Sul custa, em média, R\$ 32. — O táxi especial é bem mais

caro, mas não sou do Rio e o valor fechado é mais seguro — argumentou a paulista Ângela Ribeiro, gerente comercial.

Por haver poucos carros especiais, a fila às vezes é gigantesca, e desistir não é simples. A jornalista Sandra Moreyra passou por isso. Ao desembarcar no aeroporto, na hora do rush, ela deu preferência ao táxi especial, cujo tíquete é vendido antecipadamente na sala de desembarque. Mas, uma vez do lado de fora, ao ver o tamanho da fila a jornalista resolveu desistir do serviço e pedir o dinheiro de volta:

— O rapaz na fila informou que a devolução só poderia ser feita no guichê. Mas depois que você sai da sala de desembarque não é possível voltar. Só consegui recuperar o dinheiro porque aproveitei uma brecha e entrei. Quando reclamei, sugeriram que eu voltasse para São Paulo. Sou carioca, adoro o Rio, mas está demais.

A confusão é ainda maior porque, além das filas oficiais dos amarelinhos e dos especiais, circulam ao redor do Santos Dumont os chamados “táxis de fora”. São carros de cooperativas que não atuam no aeroporto e que insistem em parar irregularmente à espera de passageiros, apesar da presença de guardas municipais que tentam coibir essa ação o tempo todo.

— Aqui só pode embarque e desembarque, e rápido — esclareceu uma guarda municipal, entre muitos apitos.

FALTA DE CONTROLE

Quem chega ao Rio por terra também sofre para conseguir um táxi seguro. A desordem na Rodoviária Novo Rio começa no saguão, onde motoristas cercam os passageiros oferecendo o transporte. A maioria rejeita a oferta, mas quem aceita acaba sendo levado para um posto de gasolina, a 200 metros do terminal, e embarca em táxis piratas ou até mesmo em carros particulares. Na terça-feira passada, um taxista abordou um rapaz, que teve que carregar as malas em meio às obras do porto até o posto de gasolina.

A prefeitura considera o entorno dos aeroportos e da Rodoviária Novo Rio como um grande desafio e anuncia um novo código disciplinar para taxistas. Segundo Osorio, as novas regras devem ser publicadas ainda este ano:

— O documento está sendo analisado pela Procuradora do Município. O atual é muito antigo, de 1970. Estamos reformulando, e a meta é garantir a evolução do sistema e penas mais duras para infrações, que hoje têm punições muito brandas.

O secretário lembrou que o ponto de táxi em meio às obras do porto é provisório e ressaltou que a reforma na área de desembarque da rodoviária, prevista para breve, acabará com a ação de taxistas irregulares no saguão. Quanto à fila clandestina no desembarque do Terminal 2 do Tom Jobim, Osorio anunciou que reforçará a fiscalização no local. Ele reconheceu, no entanto, que a prefeitura não tem controle total sobre os 33 mil táxis que circulam no Rio:

— Temos umas das maiores frotas por habitante do mundo, mas não há um controle de onde estão eles agora, por exemplo. Não tenho ideia de quantos estão parados, quantos estão na Zona Sul ou na Zona Norte. Mas o novo código prevê medidas que vão mudar esses padrões — afirmou.

O presidente do Sindicato dos Taxistas Autônomos do Rio de Janeiro, Luiz Antônio Silva, admitiu saber das irregularidades:

— Infelizmente, não temos poder para coibir isso. Todos sabem que há coisas erradas na rodoviária e no Tom Jobim, e a prefeitura vem agindo para melhorar. Quando não tem blitz, acontece. Mas já melhorou bastante. ●



Reação. Fila irregular de táxis no Terminal 2 do Galeão: um dos taxistas deu uma fechada no carro da reportagem



Dificuldade. Um taxista (de camisa vermelha) conduz uma família da rodoviária até o carro, estacionado longe

Lei que estabelece hereditariedade para a autonomia de taxistas divide especialistas

Presidente da Comissão de Transportes da OAB considera texto inconstitucional. Jurista, porém, diz que projeto equipara serviço de táxi a uma empresa

O projeto de lei que autoriza a chamada licença hereditária para a prestação do serviço de táxi, sancionado no último dia 9 pela presidente Dilma Rousseff, já está valendo e gera polêmica. Pela nova lei, em caso de morte do taxista, a outorga será repassada a seus familiares, como filhos, cônjuge ou irmãos. Até agora, a permissão era repassada para novos profissionais que aguardavam a autorização. A medida divide opiniões de juristas. Alguns a defendem, por entender que a autonomia é uma concessão onerosa. Outros consideram a lei inconstitucional. No Rio, uma liminar obtida pela Associação dos Taxistas do Brasil no ano passado ainda está em vigor e suspende a hereditariedade no município.

O presidente da Comissão de Transportes da OAB-RJ, Jonas Lopes Neto, afirma que nenhuma permissão pública — caso das licenças de táxi — goza do privilégio da hereditariedade:

— A autonomia é uma permissão do estado e tem um caráter temporário. Uma permissão pública pode ser revogada a qualquer momento. Transformada em uma permissão hereditária, como poderá ser revogada, caso necessário? A

única coisa no Brasil que era hereditária eram os cartórios, mas nem eles são mais. Hoje, há concurso na área. Com os taxistas não pode ser diferente. Essa lei é ilegal e inconstitucional.

Ao sancionar o projeto, Dilma argumentou que “a lei significa que a família do trabalhador pode sucedê-lo na atividade, garantindo o sustento”. A mudança foi aprovada pelo Senado em setembro e prevê que a outorga seja repassada aos sucessores legítimos do permissionário, com autorização do poder público municipal.

O jurista Ives Gandra concorda com Dilma: — O estado cobra caro pela concessão e me parece justo que ela possa ser repassada aos filhos. É como se o taxista fosse uma empresa individual, que só mudaria de controle. O taxista não pode ser diferente por ser pessoa física. Todos são iguais perante a lei. Não vejo inconstitucionalidade.

Ivan Fernandes, presidente da Associação dos Taxistas do Brasil, afirma que o único dono da permissão é o município e diz que “a Constituição é clara: permissão tem que ser licitada.” O Sindicato dos Taxistas Autônomos do Rio de Janeiro, por sua vez, é a favor da hereditariedade.

— O taxista trabalha a vida todo no táxi e o filho, às vezes, quer seguir a carreira do pai — diz o presidente do sindicato, Luiz Antônio Silva.

O secretário de Transportes, Carlos Roberto Osorio, lembra que a hereditariedade é prevista no Rio desde 1988, por meio de um decreto municipal atualmente suspenso por liminar. ●

FOTOS DE GABRIEL DE PAIVA